

ARTIGO VI “SE O CONHECIMENTO INTELECTUAL É ADQUIRIDO A PARTIR DAS COISAS SENSÍVEIS?”

Márcia Helena Alvim¹

Sonia Brzozowski²

RESUMO

Na História da Ciência estudamos as diferentes formas de elaboração, transformação e a transmissão do conhecimento sobre a natureza nas diferentes épocas e culturas. Neste estudo pretendemos analisar o desenvolvimento do processo de produção de conhecimento no século XIII a partir das considerações feitas por Tomás de Aquino no seu artigo VI - “*Se o conhecimento intelectual é adquirido a partir das coisas sensíveis ?*” que consta na Questão 84 da 1ª Parte da obra Suma de Teologia.

PALAVRAS-CHAVES: História da Ciência; Conhecimento; Tomás de Aquino.

Introdução

O século XIII foi um momento de efervescência para a Europa, as traduções dos textos clássicos se multiplicavam, assim como o número de instituições universitárias também cresceu significativamente, elementos que revelam que a sociedade europeia deste período vivia um movimento intelectual florescente.

No contexto da intelectualidade medieval no que se refere aos meios através dos quais ocorre à aquisição do conhecimento destacamos para os escritos de Tomás de Aquino, especificamente o artigo “*Se o conhecimento intelectual é adquirido a partir das coisas sensíveis ?*”³ que promove um diálogo à luz de filósofos sobre a natureza do conhecimento.

¹ Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Estadual de Campinas (1997-2001), com mestrado (2001-2003) e doutorado (2003-2007) pelo Instituto de Geociências da UNICAMP, área de História das Ciências. Atualmente é professora de História das Ciências na Universidade Federal do ABC no Centro de Ciências Naturais e Humanas, como Professora Associada.

² Mestre em História da Ciência e Matemática pela Universidade Federal do ABC - (UFABC) - aprovada em 1º lugar no processo seletivo do programa de Pós- Graduação de Ensino, História e Filosofia das ciências e Matemática, Especialista em Filosofia e História da Ciência e Tecnologia na Universidade Federal do ABC (UFABC - 2011) , possui certificação nos cursos de extensão em Fundamentos do Ensino de História da Ciência (PUC-SP - 2015) Introdução aos Estudos da África e História do Negro no Brasil pela Universidade de São Paulo (USP - 2007), graduada em História pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras (FAFI) de União da Vitória - PR (2005). Atualmente leciono no ensino superior do IESA - Instituto de Ensino Superior Santo André e na FASP - Faculdade de São Paulo.

³ Artigo VI - “Se o conhecimento intelectual é adquirido a partir das coisas sensíveis?” - Questão 84 da 1ª Parte da obra Suma de Teologia.

Suma de teologia e a produção de conhecimento

Tomás de Aquino tornou-se uma figura de destaque para a Igreja Católica durante o medievo por ser responsável pela proposta de harmonização entre fé e razão, e por combater os infiéis à doutrina católica, sua obra Suma de Teologia está como a de maior relevância tanto como produção intelectual de Aquino como para a sociedade do século XIII, foi elaborada por volta de 1265, destaca-se por ser a obra mais conhecida e, também, a mais extensa, constituída em três partes, as quais se encontram divididas em questões e subdivididas em artigos, dois quais analisamos o artigo VI da Questão 84 da 1ª Parte.

Segundo Nicolas (2006, 8) Tomás de Aquino iniciou a elaboração da Suma Teológica quando assumiu o convento de estudos dominicanos Santa Sabina, em Roma, o objetivo da elaboração desta obra era sua utilização como instrumento norteador dos estudos, não somente dos mais instruídos, como também dos alunos principiantes nos estudos da doutrina católica.

Os artigos que compõe as questões da Suma estão estruturados da seguinte forma: iniciam-se com uma pergunta no aspecto de alternativa, usando a partícula “se”, em seguida, apresentam-se os argumentos para os dois sentidos da alternativa. Os argumentos usados para a alternativa que Tomás defenderá são apresentados como “objeções”, e o argumento direcionado a alternativa de sentido contrário foi apresentada pela denominação “em sentido contrário”.

De acordo com Bird (2005: 7) Tomás fornece a sua opinião em resposta à questão proposta, na maioria das vezes, como: “*em resposta*”, *cumpre dizer*”, este trecho denomina-se “corpo” do artigo. A organização da *Suma*, conforme descrita acima, pode ser compreendida através do contexto intelectual no qual foi elaborada,

S. Tomás escreveu a Suma do modo que fez porque a forma de artigo era popular no século XIII e respondia as necessidades e aos desejos da vida intelectual na universidade daquele tempo [...] o artigo como nós o encontramos na Suma, é uma expressão literária, de forma simplificada e perfeita, das disputas que os mestres mantinham com seus alunos e com outros mestres na universidade do século XIII. (BIRD, 2005:8)

A organização da Suma no formato de artigo, conforme descrita anteriormente, não foi um método ou gênero literário desenvolvido por Tomás, já era comum havia em torno de um século e totalmente conforme ao espírito, aos costumes intelectuais, e as necessidades da Idade Média, portanto, podemos dizer que a Suma é um exemplo deste formato de produção intelectual no medievo, conforme segue,

Un magnífico ejemplo de este tipo de enseñanza lo encontramos en la Suma Teológica de Santo Tomás, que uso él como base de su enseñanza, y a la vez fruto de su experiencia docente, en sus clases de teología. Propone en cada uno de los casos la *quaestio* o problemática. En seguida nos indica las diversas alternativas en que se puede interpretar, o de hecho se ha interpretado, o bien las distintas soluciones que históricamente se han dado al problema en discusión, en esta parte se nos muestra la riquísima y vastísima cultura de quien ha asimilado la doctrina de los diversos autores en muy distintas líneas de pensamiento. En seguida nos ofrece lo equivalente a la *lectio*, o exposición de los elementos básicos de juicio, lo que llama respuesta. Y finalmente discute cada una de las soluciones anteriormente propuestas; (GONZALES, 1976:07)

A estrutura descrita acima por González foi utilizada na obra *Suma de Teologia* e em outros trabalhos desenvolvidos no período. Este método foi utilizado por Aquino, tanto em seus escritos, como em suas aulas ministradas na Universidade, e é muito rico, pois o estudante e o leitor são levados à reflexão entrando em contato com as diferentes concepções sobre determinado assunto, para depois, finalmente, chegarem a uma possível resposta.

No que refere-se à motivação da elaboração da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, Nascimento destaca o objetivo de tratar da doutrina cristã, e também da obra como forma de organizar suas produções textuais:

Talvez não seja exagero dizer que Tomás estava preocupado não só em fornecer um texto breve e claro sobre a doutrina cristã, mas também em organizar, à medida que lhe fosse possível, o seu trabalho. (NASCIMENTO, 2011: 37)

O que nos permite entender que Aquino possuía talvez um interesse maior em organizar seus estudos, e que não estivesse interessado somente em produzir um material para os seus alunos, portanto, atendendo também aos seus interesses próprios. É importante considerarmos que a diferença entre a *Suma Contra os Gentios* e a *Suma Teológica* está no público para o qual foi elaborada, sendo a primeira destinada ao combate contra os infiéis, e a segunda atendendo aos interesses de estudos teológicos.

Percebemos esta diferença também entre as duas sumas de Tomás, a *Suma Contra os Gentios* e a *Suma Teológica*, e os leitores para quem foram elaboradas, através da seguinte expressão do frade: “*o crente simples, sem instrução, não necessita ser capaz de acompanhar demonstrações como as Cinco Vias, que no filósofo produzem conhecimento de que Deus*

existe. O crente simples apenas crê que há um Deus”⁴, temos então, um livro elaborado para a pregação e propagação da doutrina católica, e temos uma suma desenvolvida para organizar seus estudos e ser utilizada como ferramenta para a formação de jovens principiantes na doutrina católica.

Outro aspecto relevante a ser considerado sobre a elaboração da obra *Suma de Teologia* refere-se às fontes bibliográficas conhecidas e utilizadas por Tomás de Aquino, que aparecem inúmeras vezes em seus textos, um destes autores foi Dionísio.

Segundo Santos (2011:105) Dionísio foi um “*pensador que influenciou muito a Idade Média e todo o pensamento posterior a esse período histórico*”, nas diversas áreas do saber, Dionísio exerceu grande influência sobre Aquino, caracterizada pelo elemento negatividade que passou a fazer parte das produções tomistas.

É importante destacar que existe um contraste entre Aquino e Dionísio, na teologia dionisiana existe uma transcendência radical do divino, justificada pela grande distância que há entre o entendimento humano e Deus, já para Aquino Deus é o Ser transcendente⁵.

De acordo com Nicolas (2006:10) Tomás utilizou textos de Eudóxio, Euclides, Hipócrates, Galeno, Ptolomeu, Platão, Aristóteles, dos árabes Farabi, Avempace, Al Ghazali, Avicenna, Averróis, Israeli, dos escolásticos Anselmo e Pedro Lombardo, e utilizou constantemente dos argumentos de Agostinho nos seus artigos, o que talvez possa ser explicado pelo fato de que, durante toda a Alta Idade Média, a filosofia agostiniana era o eixo norteador dos estudos, Lauand (2011:13).

Os primeiros séculos medievais somente haviam conhecido uma pequena parte dos escritos desse filósofo grego (Aristóteles), traduzidos para o latim pelo romano Boécio (c. 480 – 525), das suas obras sobre Lógica; em todos os outros campos, a filosofia, a teologia e a ciência da Alta Idade Média haviam-se norteado principalmente pelas obras de Santo Agostinho, na sua maior parte inspiradas pela tradição neoplatônica.

A respeito dos textos aristotélicos utilizados por Tomás de Aquino, Hamlyn (1990:92) faz uma observação pertinente, afirmando que Aquino não fez uso de fontes originais de Aristóteles, mas sim de traduções, que para Le Goff (2010: 190) possuíam alguns erros devido à falta de conhecimento na língua grega por seu tradutor Robert Grosseteste:

⁴ KENNY, Anthony. *Filosofia Medieval: Uma História da Filosofia Ocidental*. Vol. II, p. 195. Edições Loyola, São Paulo, 2008.

⁵ Pode-se entender aqui que enquanto para Dionísio Deus é um Ser que o intelecto humano nunca poderá conhecer Tomás o propõe de outra maneira, embora Deus tenha a prerrogativa de Ser enquanto Ser, Ele de algum modo se apresenta ao intelecto humano. O que, no âmbito do senso comum, poder-se-ia, dizer que é uma questão de fé, como Tomás apresenta em sua obra o Ente e a Essência.

Leonardo Bruni tinha publicado em Florença uma nova tradução de Ética de Nicômaco de Aristóteles. Esse trabalho se impunha, dizia ele, porque o antigo tradutor, Robert Grosseteste (e não como se supunha, Guillaume de Moerbeke), trabalhando para Santo Tomás, conhecia mal o grego e o latim, cometendo erros e escrevendo uma língua bárbara. (LE GOFF, 2010:190)

Josef Pieper, filósofo alemão critica o fato de se propagar a ideia de Aquino como fundador do aristotelismo cristão no período medieval, pois, segundo Pieper (1973: 262) Aquino não aceitou as ideias aristotélicas de maneira passiva, sem contestá-las, aceitando-as como verdadeiras.

Para o filósofo alemão, Aquino buscou nos textos de Aristóteles o mesmo que buscou em outros intelectuais, esclarecimentos para questionamentos sobre determinados assuntos, como por exemplo, o que é abordado no artigo V e VI da questão 84, objeto de estudo desta dissertação, o conhecimento e as vias pelas quais se adquire o mesmo.

A exposição de Pieper (1973:262) faz sentido, se observarmos a postura de Aquino em seus artigos. Aquino fez recortes de diferentes filósofos, apresentando os aspectos em comum e também sobre determinado assunto. Deste modo, Aquino, utilizou-se dos argumentos destes filósofos para reforçar ou refutar uma ideia em questão, prática comum no período medieval.

Tomás de Aquino utiliza sempre da expressão “*como disse o filósofo*” em seus textos da Suma, especificamente na Questão 84 (ANEXO I). Esta expressão, não garante que para Aquino ela seja verdadeira, mas sim, evidente de acordo com as ideias de Aristóteles.

Este apontamento já foi realizado anteriormente quando mencionamos o fato de Aquino afirmar que algumas passagens das obras aristotélicas precisavam ser corrigidas de acordo com a doutrina cristã, processo que ficou conhecido como a cristianização de Aristóteles, portanto, esta passagem abordagem nos permite entender que não necessariamente Tomás de Aquino adotou Aristóteles como referencial da verdade.

A análise de Tomás de Aquino acerca da natureza do conhecimento

O artigo sexto, “*se o conhecimento intelectual é adquirido a partir das coisas sensíveis?*” apresenta argumentos de Agostinho, Aristóteles e Demócrito sobre as relações entre o conhecimento intelectual e os sentidos.

Aquino na objeção 1⁶ apresentou que para Agostinho (2006: 513) o conhecimento intelectual não é adquirido a partir das coisas sensíveis, afirmando: “não se deve esperar uma verdade pura dos sentidos corporais”. E, apresenta as seguintes provas sobre esta afirmação: o que todos os sentidos corporais podem atingir está em mudança contínua, portanto, o que não permanece não pode ser percebido; e, não temos a condição de discernir se o que sentimos é mesmo coisa sensível ou uma representação falsa. Portanto, assim como para Agostinho, para Aquino também não há a possibilidade de existir verdade nos sentidos, pois o conhecimento intelectual não pode ser recebido das coisas sensíveis aos sentidos.

O homem em um momento em que está tomado pelos seus sentidos, pode estar furioso, cansado, e não tem condições de discernir, através dos sentidos, se o que está percebendo são os próprios sentidos ou se são imagens enganadoras:

De tudo que sentimos pelo corpo, mesmo quando não estão presentes aos sentidos, recebemos suas imagens, como no sono e na loucura; ora, não somos capazes de distinguir pelos sentidos se sentimos os próprios sensíveis ou suas imagens falsas. (AQUINO, 2004:109)

Em resposta a Agostinho, neste caso em acordo, Tomás de Aquino respondeu:

Ao primeiro argumento cumpre, portanto, dizer que, por aquelas palavras de Agostinho dá-se a entender que a verdade não deve ser totalmente esperada dos sensíveis. De fato é requerida a luz do intelecto agente, pela qual conhecemos de maneira imutável a verdade nas coisas mutáveis e discernimos as próprias coisas das semelhanças das coisas. (AQUINO, 2004: 115)

Deste modo o homem não pode esperar aprender a verdade através dos sentidos, pois, Agostinho, segundo Aquino, enfatiza que não há possibilidade de conhecermos a verdade através dos sentidos. Embora possamos entender nesta passagem que poderia existir conhecimento através dos sentidos, o que Agostinho e Aquino reforçam, é que este conhecimento não será o verdadeiro.

Conforme consta na obra *Confissões*, de Agostinho, o conhecimento das essências não pode derivar dos sentidos, (Conf.X.11.17-19)

⁶ Obj. 1. Diz Agostinho no livro das *Oitenta e três questões* que “não se deve esperar a integridade da verdade dos sentidos do corpo”. Prova isto de dois modos. De um modo, pelo fato de que “tudo que o sentido corpóreo atinge muda ininterruptamente; ora o que não permanece, não pode ser percebido”. De outro modo, pelo fato de que “de tudo o que sentimos pelo corpo, mesmo quando não estão presentes aos sentidos, recebemos suas imagens, como no sono e na loucura; ora, não somos capazes de distinguir pelos sentidos se sentimos os próprios sensíveis ou suas imagens são falsas; mas nada pode ser percebido se não for distinguido do falso”. Assim, conclui que a verdade não deve ser esperada dos sentidos. Ora, o conhecimento intelectual apreende a verdade. Portanto, o conhecimento intelectual não deve ser esperado dos sentidos.

Meus olhos me dizem “se são coloridos, contamos a vós sobre eles”. Meus ouvidos dizem “se fizerem um ruído, o transmitimos”. Meu nariz diz “se tinham um cheiro, passaram pelo meu caminho”. Minha boca diz “se eles não têm sabor, não me perguntem”. O tato diz “se não é corpóreo, não tive contato com ele e assim nada tive a dizer”. O mesmo vale para os números da aritmética: não possuem cor ou cheiro, não produzem som e não podem ser submetidos ao paladar ou ao tato. A linha do geômetra é inteiramente diferente de uma linha presente no projeto de um arquiteto, mesmo que seja traçada mais fina do que os fios de uma teia de aranha. No entanto, tenho em minha mente ideias de números puros e de linhas geométricas. De onde vieram?

Segundo Agostinho, temos conceitos pré-estabelecidos, os quais não vemos, não sentimos e não sabemos de onde derivam, mas sabemos que existem e que são verdadeiros. Então pergunto: Como isso seria possível? Como sabemos e quais garantias temos de que estes conceitos são verdadeiros? Será que se tornaram possíveis, pelo fato de termos fé e acreditarmos que existem?

Para Agostinho a resposta a estes questionamentos seria sim, sabemos que alguns conceitos existem simplesmente pelo fato de crermos neles.

Aquino apresenta um trecho em Agostinho conclui que não é através do corpo que se produz a imagem do espírito, mas, a imagem é formada pelo próprio espírito,

não se deve crer que um corpo possa agir sobre um espírito como se o espírito estivesse sob a ação do corpo a maneira de uma matéria, pois aquele que age é superior absolutamente àquilo de que se faz alguma coisa (AQUINO, 2006:513)

Aquino disse, que não se pode afirmar que o conhecimento sensível seja a causa absoluta do conhecimento intelectual, mas o reconhece como sendo a objeto da causa.

Em contraposição às afirmações de Agostinho, Aquino utiliza-se de Aristóteles, apresentando evidências que constam no livro I da Metafísica, sobre o princípio do nosso conhecimento a partir da esfera das coisas sensíveis, portanto, dos sentidos.

Tomás, ao se referir a questão acima, defende a existência de três opiniões diversas no campo da filosofia sobre a relação dos sentidos com a aquisição de conhecimento. Aquino expõe. Primeiramente, a opinião de Demócrito (AQUINO, 2006: 513) “*a única causa de cada um de nossos conhecimentos está em que as imagens desses corpos em que pensamos venham e penetrem em nossas almas*”. Para Tomás, Demócrito não diferenciava o intelecto do sentido.

A segunda opinião exposta por Tomás de Aquino refere-se à de Platão. Ao contrário de Demócrito, Platão distinguia o sentido do intelecto, sendo para ele o intelecto uma espécie de potência imaterial, a qual não necessitava de órgão material (físico) para agir, conforme cita;

Como um princípio imaterial não pode ser modificado por um corpóreo, afirmou que o conhecimento intelectual não se faz por uma modificação do intelecto pelas coisas sensíveis, mas por uma participação nas formas inteligíveis separadas. (AQUINO, 2006: 514)

Para Aquino (2006: 514) Platão afirmou: “nem o conhecimento intelectual procede do sensível, nem mesmo o conhecimento sensível procede inteiramente das coisas sensíveis” e que o “sentido é uma potência que age por si mesma”.

A terceira opinião tratada no artigo é a de Aristóteles, o qual, de acordo com Tomás, assumiu uma via intermediária, afirmando que, o intelecto difere dos sentidos.

Aquino apresentou que Aristóteles discordou do fato de o sentido e o intelecto possuírem operação própria, sem se comunicarem com o corpo, como se houvesse a possibilidade de uma autonomia do intelecto.

Portanto, para Aristóteles o sentido e o intelecto são diferentes, embora atuem ligado um ao outro, pois não são ‘independentes’.

A opinião de Aristóteles está em concordância com a reflexão de Demócrito, quando se refere ao fato das operações da parte sensitiva serem causadas a partir de uma impressão das coisas sensíveis sobre o sentido. Aquino afirma que Aristóteles define a potencialidade do intelecto em agir sem que houvesse uma comunicação com o corpo.

Sobre os argumentos dos três filósofos citados nos parágrafos acima, entendemos que Aquino não adotou um como sendo o mais aceitável, mas procurou relacioná-los.

Segundo Aquino (2006: 514), Aristóteles concluiu que para existir um ato do intelecto, somente a impressão dos corpos sensíveis não seria suficiente, sendo necessária a ocorrência de algo em um nível mais elevado com o intelecto agente.

Para Tomás de Aquino (2006: 515) as representações imaginárias que pertencem ao mundo dos sentidos, não possuem condições de agirem sobre o intelecto, e se tornam inteligíveis em ato através do intelecto agente, conforme citado anteriormente. Como causa deste processo não se pode entender o conhecimento sensível como responsável pelo conhecimento intelectual, mas entendê-lo como causa do conhecimento.

Em relação ao artigo VI, Tomás, inicialmente responde ao argumento de Agostinho, buscando mostrar que não se deve criar expectativas sobre a verdade dos sentidos. Para Aquino (2006: 514) “requer-se a luz do intelecto agente, pelo qual conhecemos de um modo imutável as coisas mutáveis e discernimos as coisas de suas semelhanças”.

Prosseguindo em torno desta questão, Aquino afirma que Agostinho não se refere ao conhecimento intelectual, mas ao conhecimento imaginativo, e segundo Tomás, o mesmo aparece na doutrina de Platão no sentido da imaginação como pertencente à alma.

Para Platão o sentido é um poder que opera a partir de si mesmo, e, como consequência desta ação, nem o sentido que é entendido como um poder espiritual é afetado pelas coisas sensíveis, embora os nossos órgãos sensíveis possam ser afetados pela sensação.

Notamos que de acordo com a abordagem feita por Aquino, Agostinho apresentou-se favorável a esta posição de Platão, pois, disse que o corpo não sente, mas a sua alma sente através dele, utilizando este corpo físico como mensageiro, e para Platão explica-se da seguinte forma: o conhecimento sensível não deriva somente das coisas sensíveis, mas, do que ele chama de despertar da alma sensível para a sensação, e os sentidos da mesma forma que despertam o intelecto para o ato de entendimento.

Segundo Aquino (2006: 515) Agostinho utilizou-se do princípio de Aristóteles, o qual evidencia o intelecto agente como um elemento separado, para trabalhar a questão apresentada acima sobre o conhecimento imaginativo.

Em sequência ao que foi apresentado anteriormente, Tomás de Aquino reconhece a necessidade de admitir a imaginação como uma potência ativa e passiva, e, se observarmos em Aristóteles, a capacidade imaginativa pertence ao conjunto, pois, na medida em que existe um ato existe também uma potência. Portanto, Aquino (2006: 516) conclui “*se há no homem certa operação da alma, dividindo e compondo, forma-se diversas imagens que não foram recebidas por meio dos sentidos, Aquino afirma que desta forma o texto se torna aceitável*”.

E, por último, Aquino discorre sobre o fato de o efeito não ultrapassar a potência de sua causa, onde demonstra entender que o conhecimento sensível não é exclusivamente responsável pelo conhecimento intelectual. Nota-se, então, que Aquino apresentou novamente elementos que buscam enfatizar a ligação entre fé e razão, as possíveis raízes do conhecimento intelectual medieval.

Portanto, o efeito não supera a causa, embora o conhecimento intelectual estende-se além das coisas sensíveis, como auxílio no entendimento de determinadas coisas, as quais não podem ser percebidas através dos sentidos.

Compreendemos que, para Tomás de Aquino, Aristóteles escolheu uma posição intermediária, concordando com Platão quanto ao intelecto e o sentido serem diferentes, mas defendendo a ideia dos sentidos não terem um adequado funcionamento sem a cooperação do corpo.

Portanto, o sentido não é um ato da alma unicamente, mas pertence a um conjunto, que também podemos chamar de combinação, que traduz a união entre corpo e alma, o mesmo se aplicaria as operações da parte sensível. Para Aquino, Aristóteles concordou ainda com a ideia de Demócrito de que, as operações das partes sensíveis são geradas pela impressão sobre os sentidos, embora não concordou com o fato de Demócrito afirmar que elas ocorriam através de uma descarga de imagens, mas que estas ocorriam através de alguma operação.

Aquino apresentou então uma ideia de Aristóteles que lhe é favorável de acordo com a sua doutrina e modo de vida adotado, como membro da Ordem Dominicana, de que para Aristóteles o intelecto possui uma operação na qual o corpo não age, de modo que uma operação intelectual não pode ser gerada somente a partir de uma impressão causada pela sensibilidade do corpo, no entanto, é necessário que exista algo mais nobre por trás destes fatos, neste caso uma operação da alma.

Entretanto, para que haja intelecção, segundo Aquino, é necessário a união do corpo (matéria) à alma, mas principalmente, que exista uma força maior responsável por este processo, ou seja, Deus.

Em resposta a objeção 1⁷, que trata do fato de Agostinho afirmar que não é possível conhecer a verdade através dos sentidos, observamos que para o entendimento do agente intelectual é necessário que conheçamos a verdade mutável das coisas, ou seja, reconhecer que estas estão em transformação constante, e que Agostinho, não estava se referindo ao intelecto, mas sim ao imaginário.

Platão fez uso, também, do mesmo argumento de Aristóteles, de que o agente intelectual deve ser separado do corpo, pois, este é mais nobre, que o corpo. Ficando então o conhecimento sensível entendido como não sendo o total responsável pela aquisição do conhecimento intelectual, e que este se encontra além dos sentidos.

⁷ Obj. 1. Diz Agostinho no livro das *Oitenta e três questões* que “não se deve esperar a integridade da verdade dos sentidos do corpo”. Prova isto de dois modos. De um modo, pelo fato de que “tudo que o sentido corpóreo atinge muda ininterruptamente; ora o que não permanece, não pode ser percebido”. De outro modo, pelo fato de que “de tudo o que sentimos pelo corpo, mesmo quando não estão presentes aos sentidos, recebemos suas imagens, como no sono e na loucura; ora, não somos capazes de distinguir pelos sentidos se sentimos os próprios sensíveis ou suas imagens são falsas; mas nada pode ser percebido se não for distinguido do falso”. Assim, conclui que a verdade não deve ser esperada dos sentidos. Ora, o conhecimento intelectual apreende a verdade. Portanto, o conhecimento intelectual não deve ser esperado dos sentidos.

REFERÊNCIAS:

AQUINO, Tomás de. Suma Teológica: [Primeira Parte – Questões 84-89]. Tradução Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. EDUFU, Uberlândia, 2004.

_____. Suma Teológica – I Parte – Questões I – 43. Edições Loyola, São Paulo, 2002.

_____. Suma Teológica – I Parte – Questões 44 – 119. Edições Loyola, São Paulo, 2002.

_____. Suma Contra Los Gentiles. Tradução Carlos Ignacio González. Editorial Porruá, México, 2010.

_____. Verdade e Conhecimento. Tradução de Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. Martins Fontes, São Paulo, 2011.

_____. On Human Nature. Hackett Publishing Company, EUA, 1999.

BATAILLON, J. As condições de trabalho dos mestres da universidade de Paris no século XIII. Revista de Ciências Filosóficas e Teológicas, nº 67, 1983, p. 417 -433.

BERGER, André D. A leitura tomasiana de Agostinho na Questão 84 da primeira parte da Suma Teológica. 3º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia na Unesp. Vol. 1, nº 1, 2008.

BIRD, Otto. Como ler um artigo da Suma. Unicamp, 2005.

BLANCHE, F. A. O vocabulário da argumentação e a estrutura do artigo nas obras de Santo Tomás, p. 13-38, Revista Scintilla - Vol.8, nº 2 – jul/ dez. 2011.

BONI, Luis Alberto de. Filosofia Medieval: as 219 teses condenadas em 1277, p. 271-294. Coleção 110, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2000.

BOUREAU, A. Théologie, science ET censure au XIII siècle. Paris, Les Belles Lettres, 1999.

_____. No coração da Idade Média: os dominicanos e a maestria narrativa. Tradução Igor Salomão Teixeira. Paris: Les Belles Lettres, 1993, -141-169

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. A Cruz e a Luneta: ciência e religião na Europa Moderna. Acces. Rio de Janeiro, 2000.

CARDAILLAC, Louis. Toledo, séculos XII – XIII – Muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância. Tradução Lucy Magalhães. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1992.

CORRÊIA, Alexandre. Universidade Medieval. Revista da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Bento, p.13 - 42, São Paulo, 1941.

- DUBY, Georges.** História da Vida Privada: da Europa feudal à Renascença. Tradução Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.
- _____. Idade Média, Idade dos Homens. Tradução Jônatas Batista Neto. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.
- FAITANIN, P.** O Ofício do Sábio: o modo de estudar e ensinar, segundo Santo Tomás de Aquino. Cadernos da Aquinate, nº 3. Niterói: Instituto Aquinate, 2008.
- FERREIRA, Anselmo.** O conceito de Ciência em Tomás de Aquino: uma apresentação da Expositio libri posteriorium (comentário Segundos Analíticos). Campinas, 2008.
- FONTAINE, J. SIMAAN, A.** Uma andorinha solitária: Gerbert D' Aurillac, p.92-115. In: A imagem do mundo: dos babilônios a Newton. Companhia das Letras. São Paulo, 2003.
- GARDEIL, H. d.** Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino: II cosmologia. Tradução de Wanda Figueiredo. Editoras Duas cidades, São Paulo, 1967.
- GILSON, Étienne.** Deus e a Filosofia. Trad. Aída Macedo. Lisboa: Edições70, 2002.
- GRANT, E.** A universidade medieval, p. 39 - 61 In: Os fundamentos da Ciência moderna na Idade Média.
- HAMLIN, D.** Uma História da Filosofia Ocidental. Filosofia Medieval, p. 80 – 109. Trad. Ruy Jungmann, Jorge Zahar Editor, São Paulo, 1990.
- HASKINS, Charles H.** The Renaissance of the twelfth Century. In: Chapter IX The translators from greek and Arabic, p.279 - 305. Meridian Books, Ohio, 1957.
- HAUCOURT. G.** A vida na Idade Média. Martins Fontes.
- HENLE, R. J.** A teoria do conhecimento de Platão. In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. [Primeira parte, Questões 84-89]. Ed. Bilíngue. Tradução: C. A. R. do Nascimento. Uberlândia: EDUFU, 2006. P. 52-71.
- HOOYKASS, R.** A religião e o desenvolvimento da ciência na Idade Moderna. Editora Universidade de Brasília, 1988.
- HUIZINGA, J.** The Middle Age: a study of the forms of life, thought and art in France and the Netherlands in the and XV th centuries. London, 1924.
- INÁCIO. I. LUCA, T.** O pensamento medieval. Editora Ática, São Paulo, 1994.
- FRANCO JÚNIOR. H.** A Idade Média, Nascimento do Ocidente. Brasiliense, São Paulo, 2001.
- KENNY, Anthony.** Filosofia Medieval: uma nova História da Filosofia Ocidental – Vol. II. Edições Loyola, São Paulo, 2008.
- _____. Aquinas on Being. New York, 2002.

- KENNY, A.; PINBORG, J.** Literatura Filosófica Medieval. Tradução de Margarida Oliva, Revisão Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. 1982.
- KIRK, George E.** História do Oriente Médio. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1967.
- LE GOFF, Jacques.** Os intelectuais na Idade Média. 3ª edição – Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- _____. Uma Longa Idade Média. Tradução Marcos de Castro. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2008.
- _____. Reflexões sobre a História. Edições 70, Portugal, 2009.
- NASCIMENTO, Carlos Arthur.** De Tomás de Aquino a Galileu. 2ª edição. Campinas- Unicamp/IFCH, 1998.
- _____. Filosofia Medieval. São Paulo, 1997.
- _____. Um mestre no ofício: Tomás de Aquino. Editora Paulus, São Paulo, 2011.
- _____. A recepção de Aristóteles pela Igreja Cristã latina medieval. São Paulo, 1999.
- _____. Tomás de Aquino entre Agostinho e Aristóteles. In: PALÁCIOS, P. M. (Org.) *Tempo e Razão: 1600 anos das Confissões de Agostinho*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-73.
- OLIVEIRA, Terezinha.** Memória e História da Educação medieval: uma análise da Autentica Habita e do Estatuto de Sorbone. Revista Avaliação (Campinas) vol.14 nº 3 Sorocaba Nov. 2009.
- _____. Origem e memória das universidades medievais a preservação de uma instituição educacional. Revista Varia hist. Vol.23 nº 37 Belo Horizonte, Jan. 2007.
- _____. Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007.
- PASNAU, R.** The Treatise on Human Nature: summa Theologiae 1ª. 75-89. Cambridge, UP, 2002.
- PERNOUD, Régine.** Luz sobre a Idade Média. Publicações Europa- América. Portugal, 1997.
- RANDLES, W.G.L.** The Unmaking of the Medieval Christian Cosmos, 1500 -1760. Ashgate, Sidney, 1999.
- RUSSELL, Bertrand.** História da Filosofia Ocidental – Vol. II. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1957.

VAN, S. O tomismo. Gradiva.Lisboa, 1983.

VAZ, H. C. Condenações, 278 sínteses, Belo Horizonte, 2002.

_____. Fisionomia do século XIII. Kriterion – Revista de Filosofia de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Vol.XIX, nº 66 – 1966- 1972.

VERGUER, Jacques. Homens e Saber na Idade Média. Tradução Carlota Boto. EDUSC, São Paulo, 1999.

_____.Monges e Religiosos na Idade Média, In: Tomás de Aquino, um universitário na Idade Média , p.287-301.

SIGMUND, P. St. Thomas Aquinas on Politics and Ethics.Norton & Company, New York, 1987.